

PARA ALÉM DO ATIVISMO ESTUDANTIL CONVENCIONAL: NOVOS REPERTÓRIOS DE AÇÃO COLETIVA

Conceição Firmina Seixas Silva – UFRJ/NIPIAC

Lucia Rabello de Castro – UFRJ/NIPIAC

No Brasil, até a retomada da democracia na década de 80, o campo político juvenil esteve fundamentalmente associado ao movimento estudantil tradicional, que se constituiu como um ator político relevante contra a ditadura militar. A reconfiguração dos espaços de luta, dadas as transformações econômica, social e política no país, imprimiu mudanças profundas na experiência política juvenil, não mais identificada exclusivamente pela identidade de estudante. Parte dessa mudança se atribui ao desencanto da juventude com as instituições democráticas da sociedade brasileira, dentre elas as instituições de ensino. A condição estudantil, importante balizador da identidade política do jovem, vê-se modulada por outros modos de subjetivação. Uma pluralização dos espaços de engajamento, para além das universidades, possibilitou aos jovens de várias origens e classes sociais se expressarem de formas variadas, através de grupos organizados a partir de questões diversas – raciais, ecológicas, de gênero, culturais e, principalmente, da ‘bandeira da juventude’. As dinâmicas organizativas baseadas em uma maior horizontalidade e fluidez e na ausência de lideranças definidas têm cada vez mais a preferência dos jovens. Em face das transformações importantes que modificaram os repertórios de ação coletiva no contemporâneo, discutimos neste trabalho formas alternativas de participação política de estudantes universitários em coletivos fluidos e não-hierarquizados. Embora novos coletivos de participação de jovens estejam surgindo no Brasil e no mundo, permanece ainda incipiente a compreensão a respeito de seus objetivos, como se organizam, que impactos produzem na sociedade, e que reflexão fazem sobre o conjunto de problemas sociais. Para uma maior compreensão sobre esse modo alternativo de participação, apoiamos nossa pesquisa na avaliação dos protestos, ocupações e outras ações coletivas desenvolvidas pelos estudantes universitários entre 2007 e os dias atuais, com recursos a fontes primárias (pafletos, *blogs*, material audiovisual confeccionados pelos estudantes); documentos e cartas abertas; observatórios de lutas e conflitos sociais sobre o Brasil; além de entrevistas semi-estruturas com estudantes que criaram ou se juntaram a grupos não-institucionalizados a fim de exercerem suas ações com autonomia e sem entraves burocráticos. Nas lutas estudantis recentes, as rupturas nos modos de contestação apontam para a emergência de uma *nova sociabilidade militante*, que se caracteriza, em primeiro lugar, pelo distanciamento entre estudantes e entidades estudantis tradicionais, a maioria partidarizada. A partir de uma lógica alternativa de participação, os jovens primam por grupos que são organizados de forma autônoma em relação aos partidos políticos e valorizam a criatividade e a liberdade da ação. Contra o instituído, esses jovens buscam outras formas de vislumbrar o campo da política e sua trajetória/posicionamento no mundo, isto é, sua *subjetivação política*.

Palavras-Chaves: estudante; autonomia; participação política.